

A HETEROGENEIDADE DO DISCURSO EM *OURO, INCENSO E MIRRA*, DE ALÍPIO MENDES

Geysa Silva (Instituto Cravo Albin)
silva.geysa20@gmail.com

As narrativas de *Ouro, incenso e mirra*. Narrativas históricas sobre Angra dos Reis (MENDES, 2009) colocam o leitor em contato com textos tão diferentes quanto os presentes oferecidos pelos chamados reis magos ao Menino Deus. São apresentados fatos históricos, lendas, retratos de vultos ilustres da cidade, festas populares etc., demonstrando o grau de informação de seu autor e a intenção de divulgá-la.

Essa diversidade de assuntos se manifesta também no método usado nas pesquisas, que oscilam entre a consulta a fontes primárias e depoimentos colhidos da tradição oral, cuja veracidade não pode ser comprovada. Tem-se, por exemplo, a transcrição da certidão de batismo de Dom Luís Antônio dos Santos: “Aos vinte e cinco de março de mil oitocentos e dezessete, nesta matriz da Vila da Ilha Grande, batizei e pus os santos óleos a Luís, nascido ao primeiro do mesmo mês e ano” (MENDES, 2009, p. 291); por outro lado, é evidente a ausência de informações sobre bandas e orquestras, fato lamentado pelo próprio autor: “Bandas de música devem ter existido em Angra dos Reis desde os mais remotos tempos, talvez desde os tempos da antiga vila ou depois que recebeu o foral de cidade” (MENDES, 2009, p. 127), ou ainda: “Quanto às orquestras, é natural que houvesse pelo menos conjuntos locais capazes de execução de músicas sacras nas grandes festividades religiosas que se faziam no tempo antigo” (MENDES, 2009, p. 127). Na verdade, fica-se no terreno das suposições, uma vez que é criado um hiato entre a linguagem e a realidade, pois as frases não têm onde se apoiar, não dão a conhecer suas origens, devido às dificuldades encontradas pelo pesquisador.

O livro, de início, torna muito claro a referência à Bíblia, introduzindo o leitor num jogo com a tradição católica e com o próprio nome da cidade em questão. Pela via da intertextualidade, Angra dos Reis é apresentada de maneira poética, através de uma estratégia que,

sem explicitar o título, supõe leitores que farão o liame pretendido pelo locutor, condição necessária para que se realizem as potencialidades do que será exposto nas páginas seguintes.

Os “capítulos”, organizados de maneira aleatória, formam um sistema solidário de narrativas coordenadas ou não, referentes a uma comunidade socioespacial que se reconhece neles projetada. Veja-se a seguinte sequência: A índia feiticeira ou mais um milagre de Nossa Senhora (p. 101), O celeberrimo Vidigal (p. 109), O rio do Choro (p. 117) e Bandas de música e orquestras (p. 125). Nem cronologia, nem gênero discursivo, nem afinidade temática. Apenas o topos de referência a unir os assuntos.

Essa dimensão comunitária do livro permite que sejam renovados e reforçados sentimentos coletivos que constituem a união daqueles que se veem ali incluídos, quer pela gênese dos assuntos tratados, quer pela efervescência cultural que provocam e acentuam a coesão dos habitantes dessa histórica cidade no sul fluminense. O sujeito locutor aposta na eficácia de seu discurso, apoiado na crença do lugar de enunciação; enunciação que tem implícita um *nós*, uma filiação do texto à determinada comunidade.

O “nós” do autor de um texto histórico elimina a alternativa de atribuir a história seja a um indivíduo (o autor, sua filosofia pessoal, etc.) seja a um sujeito global (o tempo, a sociedade, etc.). Em lugar destas pressões subjetivas ou destas generalidades edificantes, propõe a positividade de um *lugar* no qual o discurso se articula sem, no entanto, reduzir-se a ele (MAINGUENEAU, 1993, p. 58-59).

É evidente que o locutor procura fazer os leitores participarem das propriedades semânticas do texto, tornando-os capazes de se constituir como legitimadores do discurso proferido. O uso do plural não é sempre índice de modéstia do locutor; ele muitas vezes pressupõe que alguns leitores são diferentes de outros, alguns ocupam o plano em que, além de a referência ser sobejamente conhecida, a relação identitária é compartilhada, o que lhes garante um lugar especial na cena enunciativa. Veja-se a citação abaixo:

Nós angrenses, que tanto nos orgulhamos da terra natal, também somos muito orgulhosos da santa padroeira, Nossa Senhora da Conceição, e por isso muito veneramos sua imagem, que está entre nós desde o dia 8 de dezembro de 1632, quando ficou conosco pela forma que detalhamos em outra narrativa deste livro... (MENDES, 2009, p. 103).

O autor não hesita em transcrever o que chama de milagres, quando relata episódios referentes aos santos que são cultuados em Angra dos Reis. São Benedito e Nossa Senhora da Conceição surgem na magnitude da crença que provocam, pois o autor faz questão de ressaltar que as histórias sobre eles contadas não são lendas, são fatos comprovados. Não se levam em consideração crenças diferentes da que está sendo veiculada: “Nesta crônica, vamos contar o que aconteceu com uma índia feiticeira, ou seja, mais um milagre de nossa padroeira, a Imaculada Conceição” (MENDES, 2009, p. 103). Sem dúvida o autor emprega uma argumentação retórica para defender posições éticas, políticas e históricas: “Seria uma preciosidade para os historiadores angrenses se ainda existissem as coleções de todos aos jornais que circularam em nossa terra” (MENDES, 2009, p. 251); “A solução, como de outras vezes, veio do alto, lá do céu onde Deus, de sua janela do infinito, vê o que se passa neste mundo sublunar” (MENDES, 2009, p. 276).

A subjetividade invade os tópicos frasais e atesta a fala de um locutor que não consegue esconder sua religiosidade, atravessando a linha que separa o pesquisador do crente. Ao falar como católico, o locutor passa a outro espaço na cena enunciativa, diferente daquele que é ocupado pelo historiador, assumindo a heterogeneidade de lugares em que se forma o discurso.

Ao falar como católico, pode se entender que o enunciador fala por si e por outros, que são coenunciadores implícitos, pois os angrenses são, em sua maioria, católicos; entretanto, esse jogo no interior do discurso não significa igualdade de posições, já que esta cena se realiza com performatividade pedagógica, em que o autor se identifica como pesquisador e os leitores como interessados no assunto e assujeitados ao que é dito.

Estar inscrito na cena pedagógica faz com que o sujeito atinja o *status* de detentor do saber, enquanto o discurso presume destinatários ordenados segundo múltiplos níveis de recepção: os angrenses, outros historiadores, as autoridades locais, os curiosos, etc. Daí o “tom” repreensivo, as observações críticas: “fúria devastadora que assolou essas plagas”; “o velho chafariz representa a carcaça do que foi e muita gente não sabe, ou não se interessa por saber” (MENDES, 2009, p. 25). Os enunciados, portanto, não estão voltados ape-

nas para seus objetos, eles consideram também o discurso do outro que neles repercutem, de maneira direta ou indireta.

Há uma reversibilidade entre a comunidade imaginária de Angra dos Reis, o pesquisador, os angrenses e aquele que faz a enunciação; os efeitos textuais provocam os leitores que se inscrevem na cena enunciativa e no discurso a ela correlato. Ou seja, para o autor, Angra é a cidade esquecida de sua história e os angrenses são aqueles que não valorizam seus monumentos, portanto os que são responsáveis pelo que ficou esquecido; ele próprio é o pregador que denuncia esse estado de coisas; os demais são os que precisam ou desejam conhecer uma cidade a ser edificada pela palavra.

Nessas condições, a unidade temática do livro perde a importância, porque se trata de dar publicidade a uma coletânea de fatos que dizem respeito a determinado local, investindo numa possível divulgação desses acontecimentos em outros lugares do país, até então desconhecedores da terra que se quer louvar.

Os outros para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro dessa resposta (BAKHTIN, 1992, p. 320).

Para realizar tal tarefa, aquele que enuncia esses discursos se coloca em determinado lugar e o “outro”, em um lugar complementar ao seu, mas ambos compartilham experiências e comportamentos. Dessa forma, garante-se a adesão, no mínimo, de alguns leitores virtuais, que são instados a colaborar com os objetivos do autor: “Quem ler o décimo volume da obra intitulada *Santuário Mariano*, de autoria de frei Agostinho de Santa Maria, editada em Lisboa no ano de 1707, encontrará a fonte de onde colhemos o assunto” (MENDES, 2009, p. 103). Na verdade há uma sugestão para que a obra seja consultada.

As diversas narrativas postas em relação inserem lembranças que movimentam o discurso para fazer aceitar, não as argumentações, porém as fronteiras imprecisas entre os participantes da cena discursiva. Para os analistas do discurso, não interessa o sujeito antes

de fazer a enunciação, mas qual é sua instância de enunciação. Pode-se dizer que

Na realidade, é possível recorrer às mesmas categorias semânticas para analisar a formação discursiva e a comunidade discursiva que é seu correlato. Não nos é possível, aqui, entrar em detalhes; levando a caricatura ao exagero, dir-se-á simplesmente que, no plano semântico, este discurso se organiza em torno de uma noção de “ordem”, definida como uma totalidade cujos elementos estão distribuídos em lugares complementares e em comunicação constante e regrada (MAINGUENEAU, 1993, p. 65).

Discurso e realidade não são exteriores um ao outro, uma vez que o primeiro se constitui como experiência social. Quando Alípio Mendes afirma que “O tempo passa e a humanidade esquece rapidamente... Decorridos alguns anos da tragédia do Benedito Noite, alguns engenheiros, muitos, por coincidência, de origem francesa...” (MENDES, 2009, p. 211) está operando uma opinião e transmitindo-a, não como visão de mundo, porém a partir da ideia de que o grupo social em que está inserido age sobre o locutor e interrelaciona discurso e comunidade, que, mesmo sendo categorias distintas de análise, ao entrar em contato, desencadeiam um determinado tipo de valorização, ou de seu contrário.

Há um referente implícito nesses discursos que, ao não ser nomeado, aciona condições de sua enunciação mesma. Nesse caso, tem-se o pressuposto de que alguns angrenses concordam com a afirmação vista acima; nessas condições, o discurso teatraliza sua originalidade e, simultaneamente, ecoa vozes outras que circulam na comunidade discursiva.

O sujeito de quem emana a opinião de que há falhas na história revolve a nostalgia de um passado concreto ou não, que ele deseja ver reverenciado e compartilhado pelos conterrâneos. Convencido de sua autoridade de pesquisador, impõe suas opiniões sobre os demais, usando uma linguagem que diz, ininterruptamente, os ideais que movem sua escrita e, de maneira simultânea, define a comunidade a que se refere, salientando a religiosidade que nela impera: “Uma das mais caras tradições do povo angrense é verdadeiramente a festa de São Benedito. Se assim é ainda hoje, que diríamos daquele tempo em que a religião católica dominava todas as camadas sociais” (MENDES, 2009, p. 277). Não por acaso a epígrafe do livro é tirada de Ca-

simiro de Abreu: “Todos cantam sua terra,/ Também vou cantar a minha;/ Nas débeis cordas da lira/ Hei de fazê-la rainha.”

As efemérides e os elogios transparecem na linguagem plena de adjetivos que dão o tom bombástico às frases: “Destemido e altamente patriota, muito se distinguiu o valoroso angrense em sua vida político-militar” (MENDES, 2009, p. 183); “O barco está desarvorado, rotas as velas, partido o cordame, alagado o convés pelas águas. Mas consegue acolher-se ao seio azul da plácida enseada” (MENDES, 2009, p. 65); “A jovem apaixonada do moço poeta vivera nesse tempo da saudade do seu grande amor. Se alguma esperança alimentara antes, essa foi quebrada definitivamente com a confirmação da morte heroica do seu amado” (MENDES, 2009, p. 141).

Cada discurso tem seu proprietário interessado e parcial; não há discurso sem dono, discurso que não signifique nada. (...) Na compreensão do discurso não é importante o seu sentido direto, objetual e expressivo – essa é sua falsa aparência – o que importa é a utilização real e sempre interessada desse sentido e dessa expressão pelo falante, utilização determinada pela sua posição (profissão, classe) e pela sua situação concreta (BAHKTIN, 1993, p. 192).

O discurso de *Ouro, incenso e mirra* por ser tão heterogêneo procura construir, em seus movimentos, uma relação de afinidade sustentada por narrativas que compartilham o mesmo campo referencial. A semântica integradora cria um sistema de junções destinado a atribuir aos textos uma interdiscursividade fortemente coesa, em que não existem motivo nem tema com direito a monopólio enunciativo

É preciso perceber que os “capítulos” do livro estabelecem uma relação de importância simétrica entre eles, para compreender a estrutura linguística que permeia a formação discursiva. Não há um capítulo mais importante que outro; todos são equivalentes. A heterogeneidade de temas reflete-se na heterogeneidade enunciativa, pois o locutor usa com frequência o metadiscurso para balizar suas afirmações, valendo-se de glosas que atravessam os enunciados. Observam-se rubricas de: autojustificação (“Não poderíamos omitir nesta nossa narrativa...”); presença de outro sujeito enunciativo. (Em 1554, segundo Hans Staden, testemunha do fato...); confirmação (“Inicialmente devemos esclarecer que só resolvemos incluir o Dr. Coutinho no rol de nossos conterrâneos após termos certeza comprovada de que o nosso biografado nasceu em Angra dos Reis...”).

É evidente que a operação metadiscursiva predominante é a parafraseagem. Ela é um dispositivo que se constitui como negociação entre os enunciadores na arena em que estão instauradas as palavras, promovendo coerções ao reajustar a enunciação, portanto não sendo nunca gratuitas. As glosas não são procedimentos ingênuos, porque

Cada glosa apresenta-se, pois, como exibição de um debate com as palavras, o qual pretende exemplar; ela define para o coenunciador o bom caminho através do rumor infinito dos signos da língua e do interdiscurso. O sujeito cuja imagem é construída pelas glosas é um sujeito que domina um discurso e que *oferece este domínio em espetáculo* (MATINGUENEAU, 1993, p. 94).

Quando Alípio Mendes, ao escrever sobre Dom Sebastião Pinto do Rego, diz que “Durante o seu episcopado não se ateu às rotineiras causas administrativas ou aos tradicionais ritos religiosos” (p. 331), isto é, não fez apenas aquelas ações efetuadas pelos membros do clero, ele bloqueia outras interpretações que possam ser conferidas às palavras *rotineiras* e *ritos*, constrói um sentido dentro de sua enunciação e os termos passam a ter determinada entonação expressiva. Argumentar supõe o dialogismo, a presença de outro que deve ser convencido.

No caso em estudo, o locutor é soberano e trabalha com uma finalidade explícita: a divulgação da história angrense. Tal objetivo aparece em toda a atividade enunciativa e, ao mesmo tempo em que lhe cria obrigações - citar fontes, colher depoimentos, etc.- concede a ele o direito de falar com autoridade sobre o assunto.

O dialogismo, entretanto, cria delimitações ao enunciado. O locutor precisa imaginar como é ou como são seus destinatários para ter uma resposta presumida, daí a heterogeneidade de suas posições na cena enunciativa, daí o apelo constante à parafraseagem, como sói acontecer na maioria dos discursos históricos e literários.

Pode-se afirmar que a heterogeneidade do discurso de *Ouro, Incenso e Mirra* deve-se também à escolha dos destinatários, feita pelo locutor, que procurou sempre levar em conta como sua fala seria recebida. Esse fator foi determinante no uso dos gêneros e dos procedimentos discursivos, embora houvesse a intenção de veracidade histórica, logo certa pretensão à neutralidade.

O estilo chamado neutro ou objetivo, o estilo das exposições essencialmente concentradas no seu objeto e que, ao que parece deveriam ignorar o *outro*, não deixa de implicar certa ideia do destinatário. Esse estilo-objetivo-neutro seleciona os recursos lingüísticos em função não só de uma adequação ao objeto do discurso, mas também do pressuposto fundo aperceptivo do destinatário (...) (BAKHTIN, 1992, p.324).

É inegável que Alípio Mendes consegue tornar a história de Angra dos Reis acessível a todos os que se acercam de seu livro, livro que expressa os sentimentos do autor para com a terra em que nasceu e que ele quer introduzir no conhecimento de alguns e na memória de seus conterrâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni e outros. São Paulo: UNESP, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas técnicas em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas: UNESP, 1993.

MENDES, Alípio. *Ouro, incenso e mirra*. Narrativas históricas sobre Angra dos Reis. Angra dos Reis: Ateneu Angrense de Letras e Artes, 2009.